



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

26 de Setembro de 1998 • Ano LV - N.º 1423  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (056) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Deveres e Direitos

*É, na verdade, um desafio à reflexão, a carta do nosso velho Assinante e Amigo com todo o seu ser, que há quinze dias publicámos sob este mesmo título. São-no todas as cartas com que nos brinda e enriquece — o que fundamenta o seu receio de «pesar demais à paciência que pode restar das consumições quotidianas». O Professor que viveu em missão de Mestre a sua função, sabe bem avaliar o peso das consumições quotidianas; mas também que só os remédios actuando em profundidade podem preparar-nos para as fricções de todos os momentos.*

*Ainda sobre a anterioridade dos deveres aos direitos, eu queria deixar aqui um apontamento sobre a Ecologia. Aí está uma ciência nascida dos atropelos do homem à Natureza. Não só uma ciência mas uma preocupação que leva os Governos a reservar um ministério ao Ambiente (e tão badalado é ele!) com omissão de outras áreas, como é a da Família. Talvez por isso tanta azáfama que em outros tratam mais especificamente do tecido social, desde a Educação à Justiça, sem esquecer o Trabalho e a Saúde.*

*Claro que na vida das Nações como das pessoas, há uma realidade chamada Moda, que impera e impõe prioridades nem sempre as mais acertadas. Certo é que é preciso que surjam os problemas e se avolumem e se tornem ameaçadores para que se atenda a eles e então, em geral, pela via do remedeio em vez de remédio que extingam as causas. É toda uma filosofia de SOS para calar direitos que se levantam pelo desrespeito de valores que, ao fim e ao cabo, são deveres incumpridos.*

*As guerras de lixeiras e aterros sanitários e incineradoras que há por aí! Como se todo o mundo não produzisse lixo em quantidades industriais e o não arrume cada qual como lhe é mais fácil, incivilmente, sem atender aos Outros!*

*A era do plástico, das embalagens desenfreadas, o culto do supérfluo que rapidamente se consome em sedução mas não em substância — eis outra fonte de poluição que vai dar voz a direitos que não teriam que reclamar se o dever de ter juízo dos homens não cedesse a fantasias e interesses económicos de que geralmente só poucos aproveitam.*

Continua na página 4

**É** domingo. Este é o dia em que, normalmente, escrevo para O GAIATO. A azáfama do dia-a-dia muda de tom. Ao longo da semana, quase não há descanso nas horas normais. E, quando chega a noite, o cansaço é o senhor. As forças que restam, são para os rapazes até à hora de deitar. Quem se entrega a este modo de vida fica a saber que está de serviço as 24 horas do dia. É assim a mãe que vive para os seus filhos. O pai, do mesmo modo.

O pão que alimenta o corpo continua a ser a grande preocupação. Ele entra pelos olhos, pela boca, pela cabeça. Vejo isto, de que falo, pela reacção dos nossos rapazes diante do pão da manhã de cada domingo. Antes de entrar para o refeitório, já estão às janelas com os olhos poitados nas mesas, ora com dois pães, ora com um pão e meio para cada um, mais o pires com doce de tomate e a cântara com o leite. Foi assim na manhã do domingo em que redijo estas

**BENGUELA**

## O pão de cada dia

notas com o sabor ao pão. É um assunto sempre actual. Só peço que nunca nos falte o pão de cada dia para que os nossos rapazes saibam a riqueza que têm e gostem de repartir.

Há momentos, com gente a pedir comida à porta da cozinha, chamei o Cláudio, um dos nossos pequenos, para me ajudar a distribuir farinha. Pegou numa medida, encheu-a bem até cima — e deu. Pensei que chegava, mas voltou a encher. Não tive coragem

de lhe dizer que pusesse menos. Deixei fazer assim. Quem dera, ao longo da sua vida, dê sempre quanto pode.

A educação dos filhos para a fraternidade é cultivar um coração bom. Se a inteligência tem um lugar imprescindível no desenvolvimento dum povo e dos povos, para a criação de riqueza, o coração bom faz chegar a todos essa riqueza. Faltam corações bons para a sociedade ser melhor.

Diante do muito que há para fazer, no campo da pobreza e da miséria, que está de novo a crescer, fazem falta os serviços de Caridade a funcionar em vários centros das comunidades onde possam ser atendidos os Pobres que vagueiam por todos os cantos. Já algo se faz de muita importância. Bem sei que é um trabalho muito difícil nas circunstâncias actuais. É, porém, um sinal distintivo da verdadeira Igreja de Cristo. Está, aqui, um lugar privilegiado para a acção dos cristãos de boa

Continua na página 4

**A** Casa do Gaiato fica a 45 km da cidade de Maputo, próxima do eixo rodoviário que liga Moçambique à fronteira com a África do Sul e a Suazilândia — um autêntico corredor comercial de bens e de pessoas. É na encosta dos Pequenos Libombos que se ergue a nova Aldeia da Casa do Gaiato. Mais de 150 rapazes encontraram em nossa Casa a sua nova família. Provenientes, um pouco, de todo o Moçambique, são, contudo, as ruas de Maputo as que mais geram os filhos desta Casa. Ar puro, natureza viva, vastos horizontes e todos os dias um pôr-de-sol doirado, esbatido nas casas airosas, eis a feição de Pai Américo também cá a realizar-se. Um verdadeiro oásis de humanidade e de promoção humana. Regalados, no que é seu, comem o pão abundante. Pão que ajudam a erguer da terra, no trabalho de cada dia. Também o pão da alma no final de cada dia, em prece, ao céu agradecida. Quanta diferença — preocupante — de algum excesso, corrosivo, em nossas famílias da Europa!

### Acção fora do âmbito da Casa do Gaiato

Massaca, Mailane e Changalane são outros nomes que ligam a acção da Obra da Rua fora do âmbito da Casa do Gaiato. Nestas aldeias onde vivem milhares de pessoas, muitas delas deslocadas da guerra, a Obra presta a mais de mil crianças, diariamente, os cuidados básicos de higiene, alimentação, saúde e escola. Acções muito bem coordenadas e que, indirectamente, atingem os respectivos agregados familiares.

## O meu primeiro encontro com África

É surpreendente este testemunho de «normalidade» institucional, num meio social ainda bastante caracterizado pela «anormalidade» e pelo regime de sobrevivência.

Padre José Maria e Irmã Quitéria corporizam esta acção da Obra no meio de reconhecidas dificuldades e, por isso, de maior

mérito. Um incontável grupo de Amigos serve de esteio. Atesta-o a sua passagem interessada e frequente. Verifica-se também a ajuda de algumas organizações internacionais, presentes através dos seus mais altos representantes em Moçambique. Mas é de Portugal, do coração de muitos portugueses

que viveram cá sonhos e realizaram projectos, que aqui sofreram e ainda amam este Povo irmão, que chega, magnânima, a maior ajuda.

### Apoio à Criança da rua

Em termos de apoio à Criança da rua — esta designação corresponde aqui a uma realidade flagrante — somos a resposta nova, de sempre, confrontada com a proliferação de projectos, a maior parte das vezes inconsequentes porque inconscientes na base antropológica, moral e transcendental. Voltar à família, o lema da Casa do Gaiato; família onde as relações são pautadas pela estabilidade e pela segurança, pela participação e responsabilidade, pilares responsáveis pela formação da personalidade. É dando família que se trava o caminho à Criança da rua. Eis o nosso melhor contributo.

Há dias, apareceu ao portão da nossa Aldeia o Feliciano e o Manuel, de 9 e 10 anos. Vinham descalços e andrajosos. De olhos sumidos e cheios de poeira, contaram a história da sua vida: — Mãe morreu...! Vieram a pé. Disse que não havia mais camas livres; que tinham de voltar no *chapa*. A tristeza deles apavorou-me e o regresso tenebroso ao bando dos mais velhos, ainda mais. Ficaram. Que olhos

Continua na página 4



Os gaiatos de Maputo têm, aqui, o que a Rua não lhes dá: uma Escola apropriada, santuário d'almas — diria Pai Américo.

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**VIÚVAS** — O marido era um indiferenciado. Talvez seja essa a profissão de boa parte da massa operária sem formação profissional. E por diversos motivos...

A pobre viúva sofre necessidades. Demos a mão. Mas não resolvemos o problema. Não temos nem podemos ter a pretensão de dar solução a todos os problemas dos Pobres. Ainda são graves as omissões em estruturas oficiais — especialmente a falta de justiça social no caso vertente das Viúvas. Por isso mesmo, primeiro a Justiça; e, a par, a Caridade...

«A percentagem de pobreza em três grandes distritos do País — recolhemos de um órgão da Imprensa Não-Diária — oscila entre 15 e os 30 por cento, enquanto a média nacional é de 18,3 por cento». A responsável por estes dados — revelados em um seminário na Região Centro — acrescenta que «se estima que 20,8 por cento das famílias, dessa parte do território nacional, vivam em situação de pobreza e que, destas famílias, 5,1 por cento vivam mesmo em situação de pobreza absoluta» — miséria!

Avançamos com estes dados oficiosos porque é de crer que os quadros negros passem despercebidos na agitação do dia-a-dia, em nossa Pátria bem amada.

**PARTILHA** — A assinante 5963 que, desde sempre, se identifica «Uma assinante de Paço de Arcos», remete «a partilha de Junho/Julho com saudações fraternas e muita amizade» — que retribuimos

Uma outra, assinante 31104, da Capital, há bastantes anos devota desta coluna, presente com o contributo mensal e uma breve reflexão: «Nada valemos se não praticarmos o Bem e não auxiliarmos o nosso irmão sofrido».

Mais outra, muito assídua, a assinante 57002, de Senhora da Hora, entrega o «pequeno contributo mensal de 15.000\$00, do mês de Setembro (em curso)».

Outra que também não falha: Vale de correio, de dez mil, expedido por «uma portuense qualquer», acentuando que «a migalhinha é relativa aos meses de Setembro e Outubro». Disse mais: «Não vale a pena responder». Compreendemos: o endereço é posta restante.

De entre os habituais, temos ainda o assinante 42971, de Ovar, com o seu óbolo «para os Pobres mais necessitados e mais envergonhados — e não precisam de agradecer»: 2.500\$00.

O dobro, da assinante 32925, de Vila Franca das Naves, «por

uma intenção particular, tendo em grande apreço a ajuda aos mais carenciados da vossa Conferência».

Dez mil, do assinante 13862, da Cidade Invicta, «para os muitos Pobres que tendes», pela mão do assinante 25199, de Carvalhosas — Coimbra.

Uma carta, muito rica do ponto de vista humano/espiritual, escrita pelo punho da assinante 35161:

«(...) É o aniversário da morte de minha mãe e, também, o dia de casamento dum filho. Por estas intenções, e como nesse dia se vai 'estragar' algum dinheiro na festa, envio este cheque (abonado) para matar a fome, pelo menos neste dia, a alguém mais necessitado. Empreguem-no no que melhor entenderem. Estou a lembrar-me do tuberculoso que a Conferência de Paço de Sousa fala n'O GAIATO de 15/8. Ajudem outro Pobre que eu vou ser assídua com o meu contributo. Que Deus vos ajude».

Aquele «ajudem outro Pobre que eu vou ser assídua...», revela um sério compromisso cristão, a virtude imanente da Caridade.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Subir!

Dedicado a todos os gaiatos do passado, do presente e do futuro!

Sobe rapaz, sobe!  
Sobe devagar  
Mas sem parar!  
Chegou a tua vez de triunfar!  
Todos os teus sonhos  
Se vão concretizar!  
Não deixes que os outros  
Subam por ti.  
Sobe tu primeiro  
Do que os outros  
Com dignidade e respeito  
E sê feliz!  
Põe-te a caminho  
E alcança a tua estrela!  
Voa tão alto  
Como um pássaro  
Que beija o céu!  
E pousa com leveza  
Como uma abelha  
Que namora uma flor!  
Se encontrares dificuldades  
E estiveres semi-morto,  
Chama por mim  
E receberás o meu apoio!  
E sentirás o meu calor  
No teu Inverno rigoroso!  
Serei a tua ponte  
Sobre as águas turvas e  
[selvagens  
Para chegares à outra margem  
E atingires o cume do monte!  
Mas se puderes, sobe  
Somente com o teu esforço!

Manuel Amândio

## PAÇO DE SOUSA

**FÉRIAS ESCOLARES** — Terminaram e já recomeçaram as aulas. Uns mais cedo, outros mais tarde. Estes aproveitarão ainda mais alguns dias de sol. Bom ano lectivo.

**UVAS** — Estão a ficar apetitosas! Algumas tão boas que já quase podemos comê-las.

Esperamos uma boa vindima, se Deus quiser. Ela está na mão da Providência divina.

**MATA** — Há semanas que os rapazes mais velhos estão a trabalhar na mata, a fazer uma limpeza a tudo o que está a mais para que fique asseada e com mais vida.

**PISCINA** — Acabaram os mergulhos na piscina. Para o ano haverá mais, se tudo correr bem.

**CÃES** — Têm aparecido cães vadios em nossa Casa. Logo que os vêem, os rapazes tomam-nos por seus.

Como os «donos» não lhes davam a higiene necessária, começaram a aparecer pulgas.

Os cães também iam ao pomar matar os patos e as gali-

## RETALHOS DE VIDA

### «Quim Bolas»



Sou o Joaquim da Costa Pereira. Tenho o nome de «Quim Bolas». Nasci em S. Cipriano, Resende, em 20 de Fevereiro de 1991. E vim para a Casa do Gaiato em 16 de Agosto de 1995.

Quando eu era pequenino bebia leite frio. Uma vez, o meu pai abandonou a minha mãe, os meus irmãos e a mim também.

O meu pai e a minha mãe andaram à bulha e ele mandou-nos todos embora: a minha mãe, os meus irmãos e os meus avós.

O meu avô e a minha avó trouxeram-me para a Casa do Gaiato.

Aqui, eu brinco com muitos meninos, pois arranizei muitos amigos.

Joaquim C. Pereira

nhas; por tudo isto, e também por serem muitos, foram todos levados para o canil.

Destes cães não precisamos, mas, sim, de um cão valente que

meta respeito e defenda o seu território expulsando os outros, vadios. Ficáramos muito gratos a quem no-lo oferecesse.

«Almeidinha»

## MALANJE

# Mistério e incertezas da noite...

20/07/98

**H**Á dragões bons e dragões maus. Dragão bom como o do filme que arrancou um menino das garras duma família que o maltratava e fez dele uma criança feliz.

Dragão mau o que mete em tantos corações a ilusão dos diamantes e, depois, friamente, lhes dá a morte.

Grupos, nações em ondas de guerra, lá, onde o dragão tem o seu covil...

A notícia chegou como a frieza do gelo: — *Morreram os seus dois Amigos!*...

Oito dias antes tinha-lhes dito: — Não... ficai.

Não resistiram às seduções do monstro.

De facto, bem no fundo, é a ambição das grandes potências pelas riquezas imensas desta terra, a causadora da fome e da pobreza deste povo.

22/8/98

**O**NTEM, trocámos tomate por óleo dos carros. Hoje, vamos fazer portas a troco de uns sacos de arroz. O vil dinheiro fugiu.

Teremos de ir à Ilha de Luanda rebuscar as velhas conchas que aos antigos serviam de moeda...

São já sinais de guerra! Custa a crer com estes dias tão bonitos neste final de cacimbo. E com estes poentes de sonho a encaminhar-nos para o mistério e incertezas da noite...

26/8/98

**I**NDIFERENTES e felizes, «Capuchinho» e «Franguito» varrem os terreiros, brincando. «Capuchinho» sempre sorrindo com seus dentes brancos e grandes... «Franguito» respondendo sempre em qualquer situação, simplesmente, com um não ou um sim: «Não... Sim...»

Padre Telmo



A fonte da nossa Aldeia de Malanje

# ENCONTROS em Lisboa

A EXPO'98 foi uma festa que está a terminar. Os meus miúdos gostaram. — *É um espanto!*, exclamaram uns tantos. Depois de quase todos terem feito três visitas e outros quatro, falam do assunto como entendidos. Não se interessam muito pela internacionalização dos seus conhecimentos, mas explicam-se sobre o futuro, sobre os mares, sobre as utopias, a água e a variedade dos habitantes marinhos. Também se admiraram com a arquitectura. Um dizia, para manifestar a sua admiração: — *Aquilo é que é varil.* Outro sobre o Pavilhão da Utopia não se importava de propor: — *Assim é que devia ser o nosso pavilhão.*

Também me deixei surpreender pela EXPO'98 e gostei de ser surpreendido. Não tive muito tempo para visitar pavilhões, mas admirei a arquitectura, os diferentes espaços, os inícios de jardins e espaços verdes, a reconquista da beira-mar, os passeios. Também fui admirador da célebre «pala», do Pavilhão da Utopia e da Gare do Oriente. Criações da inteligência humana, vontade de realização. Juntam-se os meios e a obra acontece.

Não me atirei aos ares quando aparecerem as marcas humanas da corrupção, da embriaguez da posse e

mesmo de alguns laivos de perda do sentido da realidade e da mania das grandezas. Há traços que nos marcam. Por exemplo, entre o que se passou lá e o que se passou há tempos com um dos meus chefes a estrutura de raciocínio não é diferente. Este achava que por ser chefe estava acima da consciência e que tinha o direito de usufruir de algumas regalias suplementares. Aqueles, diante de todo o investimento e esforço exigido sentiram que também deviam meter a mão. É só uma questão de dimensão e também de grau de responsabilização. Tenho pena que às vezes se castiguem as coisas pequenas e se absolvam as grandes, sem dúvida porque há castigos volumo-

so. Somos deuses com pés de barro.

Uma realização deste género devia dar-nos alegria e uma certa auto-estima. Somos capazes. Mesmo que o pecado apareça, não destrói o esplendor das capacidades de que Deus dotou o homem.

Quando saímos da EXPO'98 e nos embrenhamos pela cidade, sentimos que muito caminho há a percorrer. Foi numa zona degradada que se fez a exposição, procurando recuperar todo aquele espaço. Quando se recuperam em termos humanos tantos bairros degradados que ainda esperam?

Saber não falta. Falta-nos a vontade. A mesma vontade que fez surgir a EXPO'98. Não seriam necessários tantos milhões de contos para minorar a desgraça a muitos milhares de pessoas humanas. E todos sabemos que as pessoas são o nosso bem mais precioso.

Padre Manuel Cristóvão

## Uma carta

### O GAIATO fará parte do novo lar

*O meu filho já há muitos anos que recebe O GAIATO, cá em casa. Porém, como muito brevemente vai casar e ter uma nova morada, agradecia a mudança de endereço porque ele, O GAIATO, fará parte do novo lar que ele pensa constituir.*

*Ao mesmo tempo, peço que continueis a enviar o Jornal para a mesma morada, mas, com o nome do meu querido netinho, de 6 anos, filho do meu querido filho que já partiu para o Pai, há quatro anos.*

Assinante 8140

## CALVÁRIO

### Eu preciso do Calvário

HOJE, alguém que sabe do posto onde meu viver de padre tem sido, em grande parte, gasto, com ares de muita admiração e estima, veio dizer-me que o Calvário precisa realmente de mim. Estremeci com tão inesperada sentença. Achei que aquelas palavras soavam a blasfêmia. Como se o homem fosse preciso para alguma coisa nas obras de Deus. Nestas, ninguém faz falta. Ninguém é indispensável nem insubstituível.

Eu é que preciso do Calvário para ser mais eu mesmo. O que não tenho crescido e

aprendido aqui com os doentes! Aprendido com o seu viver e sentir! Quanto eles não me têm feito crescer na Fé, na Esperança e no Amor!

Estas vidas escondidas a apagam-se dolorosamente, mostram-me a Pessoa de Cristo que hoje continua a sofrer... É Ele quem aqui está presente. Todo o mistério do Calvário aqui se prolonga. Este Calvário é uma página viva do mistério de Cristo redentor.

Estas vidas tão serenas diante da enfermidade, da doença incurável, tão certas da morte e do Além, onde irão encontrar-se com Cristo, falam-me calmamente da Esperança como a grande força que gera optimismo, alento, fortaleza.

Estas vidas, tão desprezadas dos homens, a maioria dos quais nunca tendo conhecido o amor dos homens e, por isso, sedentas dele, apelam fortemente para o meu amor de padre e ajudam-me a sair de mim para os amar, dando-me. Sinto perfeitamente que sem o Calvário — a presença quotidiana de todos os que sofrem — seria mais egoísta e nunca teria crescido no amor, no amor puro que se dá sem esperar recompensa, que se entrega mesmo sem atractivo natural. O apelo destas vidas tem sido para mim escola de amor. Hoje sei o que é o amor puro: amar os mais desprezíveis, os mais nojentos, os que não sabem nem nunca podem recompensar-nos.

Eu preciso do Calvário. Muito.

Padre Baptista  
(Do livro *O Calvário*)

## O LIVRO «PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

# «Transfusão divina»

EMPURRADO pela força transcendente que brota da *Correspondência dos Leitores* d'O GAIATO — e com a sua alma mergulhada nesse *Fogo ardente* — um dia, pelo seu punho, Pai Américo deixou escrito: «*Que esta Transfusão divina não acabe com a minha morte*» (Livro *Correspondência dos Leitores*, pág. 67).

Abre a coluna o assinante 5834, de S. Pedro do Estoril:

«*Fiquei verdadeiramente impressionado com o livro que agora recebi. Como homem, como católico imperfeito, creio bem que esta obra do Padre José da Rocha Ramos deveria estar sempre à cabeceira de cada cristão para o reler com frequência, a bem de um mundo melhor, pois os conceitos da doutrina aplicada, na sua acção, pelo Padre Américo, traduzem com justeza e simplicidade a Verdade apregoada por Cristo Vivo! O autêntico Cristo do Evangelho e não o que o devocionismo popular apresenta!*»

Paço de Arcos — assinante 25738:

«*É uma magnífica obra, tão densa de conteúdo, que me serviu para saborear a leitura das suas páginas durante as férias. E deu-me a oportunidade de meditar sobre a grande figura e Obra do Padre Américo.*» Muitos têm seguido o mesmo caminho.

Assinante 67284, do Porto:

«*Com um abraço de muita amizade, peço 4 exemplares do livro Padre Américo — místico do nosso tempo. São para mim e meus filhos. Neste tempo de tanta falta de carácter e de vergonha, precisamos muito do alimento que sai da Casa do Gaiato. (...) Brevemente passarei por aí. Estou a precisar de ar puro.*» Família cristã!

Santo Tirso — assinante 22103:

«*Desde que recebi o volume, não parei de o ler! Gostei imenso de conhecer a vida e Obra do nosso Padre Américo — o santo dos Pobres que tanto se sacrificou por eles. Felizmente, a Obra da Rua continua no mesmo ritmo. Deus abençoe e ajude os seus sucessores para que possam dar alívio e auxílio a tanta miséria.*»

Assinante 1744 — Vila Nova de Gaia:

«*Junto um contributo para compensar o trabalho ora editado pelo Padre Ramos. Não é o seu valor, mas o que neste momento posso mandar. Sigo com atenção todas as vossas actividades, pedindo a Deus — pelo Padre Américo — que continuem sempre contra 'ventos e marés'...*» Comunicação dos santos!

Alapraia (Estoril) — assinante 7316:

«*Nunca é demais o que se escreve sobre o Padre Américo. E penso que nunca se escreverá o bastante. Deus habitava n'ele. E é quase impossível avaliar o que Deus quer de nós. Mas o Padre Américo sabia o que Deus queria d'ele e pautou toda a sua vida por isso.*»

Assinante 6445 — Coimbra:

«*A recente publicação é um belo contributo para enriquecimento da minha colecção, da vossa Editorial.*

*Estou certo que o será também para todos os admiradores do grande Padre Américo, agora estudado em nova faceta.*» Que é a dele, a de sempre!

Paradela da Cortiça — assinante 24593:

«*Conhecedores da Obra da Rua, de longa data, proporciona-se o momento de contribuir com um óbolo tendo sempre presente a inspiração do seu Fundador, o Padre Américo, que afirmava: 'É em vida que devemos auxiliar os mais Pobres e não fazer doações após a morte'. Agradecemos o livro publicado pelo Padre Ramos, que muito apreciámos.*

P.S. — *Sou uma velhinha de 82 anos que julga, talvez, não serem precisas mais orações para canonizar o Pai Américo, cuja Obra é um autêntico milagre.*» Depoimento curioso duma anciã.

Assinante 30083 — do Entroncamento:

«*A valiosa obra que recebi, dá-nos a conhecer o fundador da Obra da Rua e, também, a vida de um Padre — o Padre Américo — que merece todo o nosso respeito e a nossa gratidão por tudo o que fez a favor dos Pobres. Há 18 anos que não tenho férias e se, este ano, Deus mas deixar gozar, levarei o livro comigo, pois apesar de o ter já lido e relido não me cansarei de o fazer novamente.*»

Lisboa — assinante 16131:

«*Li, meditei, rezei. O Padre Américo continua vivo em nossos corações. Fez-me bem esta leitura. Foi uma pausa! O recuperar da força e da esperança. Deus vos abençoe e ajude a fazer homens para viverem a vida. Obrigado pelo que dão ao mundo.*» Partilha fraternal!

Assinante 5977 — Nespereira (Lousada):

«*Envio cheque para a assinatura da minha sobrinha e o bocado que vai a mais para o livro que recebi. Não tenho sabedoria literária para me exprimir acerca do seu valor, de toda a sua doutrina, mas eu sinto-a dentro do meu coração.*» Teologia dos Pobres!

Gulpilhares (V. N. Gaia) — assinante 67818:

«*Através d'O GAIATO que recebemos em nossa casa, tomei conhecimento da obra sobre o Padre Américo. Considero-o como protector da nossa família e meu confidente na oração. Apesar disso, nunca tive a oportunidade de possuir qualquer documento que me facultasse um pouco mais de informação a seu respeito.*» Agora, já tem.

Assinante 5667 — Santarém:

«*Agradeço, do coração, o livro do Padre Américo, elaborado pelo Padre Ramos. Continuo rezando pela vossa Obra que tanto bem faz aos que andam por cá. Continuem a enviar-me O GAIATO! Saudações fraternas em Cristo.*» É muito rica a citação de Santa Clara, na carta: «*A alma fiel, pela Graça de Deus, torna-se maior que o Céu.*»

Júlio Mendes

## PENSAMENTO

Quando a gente lida e sente de perto a multidão dos Estropiados, fala assim, no singular, a ver se outros operários vêm para a Vinha do Senhor no plural, seja qual for a terra, idade ou condição.

PAI AMÉRICO

Continuação da página 1

Curioso que nas acções da EXPO, a vertente histórica do tema dos Oceanos se dilui bastante no esforço de chamar a atenção para os maus tratos que os homens lhes têm dado e a tudo que é água, sendo esta essencial como é à vida de todos os seres vivos. Um apelo à reconversão, isto é, a um retomar de deveres...

## Deveres e Direitos

Notas soltas que me parecem ilustrar de como seria mais direito o mundo se todos, e cada um no

seu nível de responsabilidade, assumissem os seus deveres que têm necessariamente por referência os Outros.

O mal não se vai com panaceias. É necessário um remédio profundo que dê aos homens olhos de ver em profundidade e não apenas a capacidade e o frenesim do imediato.

Padre Carlos

## O meu primeiro encontro com África

Continuação da página 1

lindos no dia seguinte! Tinham encontrado a sua nova família. Para eles, gozo; quanto a nós, justiça.

Moçambique está cheio de juventude. Em qualquer lado, jovens e crianças são um factor humano dominante. Gente com experiência de muita dor e sofrimento. Aqui, ser criança ainda não é fácil. O adulto distancia-se e é por ritual que ela se acerca do mundo adulto. Quantas vezes entra nele com feridas incuráveis: a falta de ternura, o desprezo e a incompreensão. Como estamos longe do menino europeu, príncipe do capricho... em tantas famílias! Mas as crianças são iguais em todo o Mundo. Diferentes, sim, as condições que usufruem. Apesar de tudo, é agradável constatar a forma como esta gente nova exprime, com rara beleza e simplicidade, a sua alegria e esperança no amanhã. Nas

Igrejas da Europa nós contamos os jovens; aqui, pelo contrário, contamos os idosos. O futuro do Mundo passa pelas novas gerações. Neste lugar, com grande acuidade, a Igreja tem um

enorme campo de trabalho. A presença missionária é mais do que nunca necessária e este campo de apostolado uma ingente opção.

Padre João

## BENGUELA

Continuação na página 1

consciência. Está, aqui, também, um campo para a acção em conjunto das várias confissões religiosas. São precisas todas as forças e não chegam. A união faz a força. Falo desta maneira porque, no breve diálogo que mantenho com os Pobres que procuram a nossa Casa, gostava de ouvir falar da ligação com o serviço da Caridade na comunidade onde residem. Mais: o ideal é ajudar esse serviço a atender os Pobres no seu próprio meio, dentro do que nos for possível, em vez da dispersão em que agora nos vemos, mais desgastante em tempo e energia. Quem dera se avançasse nesse sentido, com perseverança e decisão. É preciso luz porque se trata dum problema complicado, aqui e agora. É preciso coragem porque o desgaste neste trabalho é muito grande, para se pôr um pouco de ordem na anarquia resultante da situação. É preciso gente com muito amor.

À medida que vou escrevendo, estou a ver, como num filme, as cenas reais, diferentes e marcantes, de pessoas que passam diante de nós. Quanta paciência é precisa! Quanta disponibilidade! Quanta atenção para não nos transformarmos em funcionários de qualquer agência de distribuição! É um desafio constante à nossa capacidade de amar. Temos de confessar que, às vezes, saímos derrotados. Porque sabemos que o amor de Deus é maior do que as nossas derrotas, ousamos continuar.

Padre Manuel António

## A nossa vacaria

NÃO tencionava voltar ao assunto. Mas o meu desabafo de Agosto teve tantas ressonâncias que me julgo devedor de notícias àquelas que sentiram connosco.

Uma vez que a «doença das vacas loucas» tem por causa as rações (a incorporação nelas de produtos de risco, como seja a farinha de carne de animais doentes...); e, até ao momento, não vimos nem sabemos que o Núcleo de Intervenção Veterinária de Penafiel, tão pronto e tão drástico na decisão de extermínio do gado, tenha desencadeado, paralelamente, medidas de prevenção a respeito da qualidade das rações, que continuam por aí, à solta — não temos outra medida de segurança que não seja prescindirmos delas. E como o mercado do leite, estabelecido em função do interesse das macro-empresas e dos grandes produtores em regime de alta competitividade, não deixa lugar ao sol para os pequenos sem o recurso a alimentos de fábrica — resolvemos trocar o leite pela carne e dedicar a nossa actividade pecuária à recria.

Vamos recomeçar com duas vacas de leite prestes a parir, de que esperamos o abastecimento da casa. E a partir delas, mediante cruzamentos previamente escolhidos, ir repovoando o curral com animais de raças mais qualificadas para carne, que se irão fazendo com os nossos pastos.

Assim tenhamos sorte e a ajuda de quem possa suprir a nossa inexperiência.

Padre Carlos



Outra construção feita com a ajuda do Património dos Pobres

## DOCTRINA



Lâmpada acesa

somente a Deus seja dada toda a honra e toda a glória. Tão pouco tenho abandonado a cama do Pobre. Foi justamente por onde comecei e ainda não topei no mundo lugar mais alto, nem momento mais consolador. É meu propósito conservar sempre a lâmpada acesa à beira de leitos de doentes e atizar o fogo na sarça deste Jornal.

PARA não enfraquecer — como sucede aos membros que se não usam — quero eu de vez em quando fazer o *Obra da Rua*; com infinita mágoa de não ser tanto como dantes, para o bem de todos nós. É que o tempo não me deixa ir mais longe.

ESTA mesma *Obra* é feita no vestíbulo dos ministérios, sobre os joelhos, enquanto o empregado vai dentro anunciar. Não é que os senhores ministros sejam ou estejam altos; eles são do povo. Mas são muitos a querer falar e a gente tem de esperar vez.

NÃO me deslumbro com as referências que fazem à *Obra* nem embarco nas glórias humanas, para que

ANDO presentemente ocupado com um moço de vinte e poucos que há muito se não levanta nem jamais o fará, segundo a voz dos médicos: — Não merece a pena levá-lo para o sanatório, padre! Este simpático rapaz era a coluna da casa. — Só me apetece comer laranjas! É preciso que elas lhe não falem à cabeceira da cama.

NÃO tenho nada a dizer dos pedidos feitos nas igrejas de Coimbra, senão que as somas recolhidas têm sido mais altas do que nos anos anteriores; e espero que assim continue.

*D. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

## Ardeu grande parte do coração de Portugal

O grande incêndio que só foi extinto ao fim de três longos dias e que foi combatido por seiscentos bombeiros e muitos populares e mais de uma centena de camiões, tanques e meios aéreos, ia queimando quase todo o coração e Portugal ficava outra vez com o coração todo queimado, como há anos.

O pároco daquelas freguesias mais atingidas, disse-nos com admiração e louvor:

— Sabem?, este povo é muito unido. Quando aparece alguma calamidade na terra junta-se logo toda a gente e ficam e conservam-se de sentinela. Mal toca o sino da igreja aparece logo o povo.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

O presidente da Junta de Freguesia alerta as povoações e põe transportes ao seu dispor e todos se põem de vigia e só arredam pé quando o fogo fica totalmente apagado. É um povo lutador.

Fomos ver aqueles quilómetros agora revestidos de cor preta, produto da queimada.

\*\*\*

Escutámos o desabafo a lamentar que alguns (poucos) voluntários — vindos de muito longe e desconhecendo os sentimentos das gentes daquela Região

beiroa — deixaram menos boa impressão da sua presença, pelo desinteresse diante das árvores que iam ficando queimadas. — Deixa arder! Isto é tudo para queimar, diziam.

Numa ou noutra terra aconteceu isso, perante o esforço abnegado que os soldados da paz procuram ter.

Ouvimos e ficámos em silêncio. São desabafos de quem está mergulhado em tristeza.

\*\*\*

Levou-nos, ali, a inquietação com que ficámos, ouvindo os noticiários, se o fogo tivesse atingido pessoas ou habitações a quem devíamos dar a nossa ajuda; mas, felizmente, não chegou a essa situação. Ficámos mais tranquilos.

A mãe da filha que já habita a sua casinha nova, para a qual demos uma pequena ajuda, tem recomendado ao pároco da freguesia que, logo que possa, vá benzer a nova casinha. Teimou connosco para que também a fôssemos ver. De facto, é digna da nossa admiração e louvor pelo gosto e harmonia com que tudo foi feito. Tudo obra de delicadeza. Os Pobres, por vezes, também fazem coisas maravilhosas.

Padre Horácio